

A IDENTIFICAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE HERÓI A PARTIR DO OLHAR DISCENTE

AUTORA: Grinaura Medeiros de Moraes

RESUMO

O artigo discorre acerca do conceito de herói sob o olhar dos discentes. O conceito estudado está implicado na formação de valores pessoais, morais e sociais refletindo o projeto de cidadania individual e coletivo no qual os alunos estão inseridos. Levando-se em consideração os novos recursos tecnológicos, os heróis nacionais ressaltados pela história positivista, provavelmente não se encaixam no perfil de herói para os alunos que compõem o universo desta pesquisa que objetiva conhecer quais são as referências citadas pelos alunos e identificar o pensamento que mobilizam quando estão escolhendo os seus heróis. Objetiva, também compreender como os conceitos são formados por alunos de diferentes idades; reconhecer a existência dos conceitos espontâneos e dos conceitos científicos na fala dos alunos da educação básica e da educação superior; situar os heróis citados oriundos dos contos infantis; da família e/ou pessoas próximas, da memória nacional, entre outros. Vislumbra conclusões parciais.

Palavras-Chave: Conceito de Herói – Identificação de Herói - Discentes

A IDENTIFICAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE HERÓI A PARTIR DO OLHAR DISCENTE

O conceito de herói implicado nesta pesquisa está fundamentado nos referenciais da abordagem historiográfica que comporta as questões do tempo presente ancorando-se nos domínios da Nova História Cultural sob o pressuposto de que esta abordagem historiográfica abarca a construção de problemas, sujeitos e fontes elucidando-os sob o foco da cultura, a pretexto de que a história não está reservada apenas aos problemas associados aos grandes heróis e aos documentos que contam a vida de pessoas e de fatos isolados no contexto social. Desde o movimento da Nova História (1929) na França, o ocidente tem presenciado uma verdadeira revolução na historiografia, na forma de escrever e de contar a história. Não se escreve mais história pensando-se essencialmente

em uma narrativa dos acontecimentos, numa versão valorativa dos vencedores e na existência de um tempo contínuo e imutável. A Nova História compreende os fatos históricos de forma abrangente, não no sentido global, e sim múltiplo, em uma ideia de tempo pluridirecionado. Abarca uma multiplicidade de sentidos sobre a versão dos vencidos e vencedores, bem como está aberta ao diálogo com outras ciências, outras possibilidades de reflexão histórica.

Esta abordagem leva “em conta as experiências históricas vividas pelos alunos e as apreensões da história apresentada pela mídia- cinema e televisão, em particular- por parte das crianças e dos jovens, em seu cotidiano” (BITTENCOURT, 2004:189). Aí está presente a valorização das experiências vividas dos indivíduos perfazendo-se a ponte entre os conhecimentos espontâneos e os científicos, os primeiros adquiridos no dia-a-dia nos ambientes extraescolares, os segundos referentes às informações obtidas nas instituições de ensino sistematizado. Lev Semenovic Vygotsky (1896-1934), psicólogo soviético, influenciado pelo pensamento revolucionário da pesquisa para a edificação do homem novo, no que se refere ao modo pelo qual os conceitos são formados afirma: “são consideradas fundamentais, nas apreensões conceituais, as dimensões historicamente criadas e culturalmente elaboradas no processo de desenvolvimento das funções humanas superiores”. (VIGOTSKY: 2008:189).

As influências dos conhecimentos espontâneos recaem sobre a vida escolar dos alunos, por isso faz-se necessária à compreensão dos efeitos desses para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem dos mesmos. É nesta linha de pensamento que procuramos interpretar as posições dos alunos quando estes elegem tal ou qual referência como sendo importante na ou para a sua vida. No contexto da pesquisa situamos os heróis citados oriundos dos contos infantis, tendo em vista que, uma porcentagem desses alunos ainda tem como referência os heróis fictícios da dramaturgia e dos desenhos animados que fazem parte do seu cotidiano e das suas fantasias infantis, onde o herói fictício é sempre invencível, inatingível, passando a segurança e o sonho de uma personalidade autoconfiante e poderosa. Procuramos identificar e valorizar as referências oriundas da família e/ou pessoas próximas com quem eles convivem e lhes transmitem segurança, apoio, confiança e admiração; os que batalham diariamente em busca de melhores condições de vida, que labutam no dia a dia pela vida destes alunos e que lhes proporciona segurança e perspectiva de vida futura.

O conceito de herói foi aberto ao debate e a controvérsia durante séculos uma vez que é culturalmente e historicamente contextualizado e sua função, o resultado da mentalidade da cultura que o produz seja ele o herói dramático ou histórico, herói fantástico do gênero dos quadrinhos confundido com altruísmo, compaixão e empatia ou identificado com celebridades populares ou modelos criados pela mídia. Os heróis de que se trata aqui são personagens retirados da própria experiência dos alunos, do conhecimento que apresentam das pessoas que assumem um papel diferenciado nas suas vidas (pessoal ou Coletiva), longe dos conceitos de heróis e maravilhas da idade média estudados por Le Goff ou do herói da antiguidade que “designava uma personagem fora do comum em função da sua coragem e vitória sem que por isso ela pertencesse às categorias superiores dos deuses e semideuses”.(LE GOFF, 2009:15).

A formação de conceitos que embasam esta pesquisa estão circunscritos na perspectiva Vigotskiana de que o conceito

é o resultado de uma atividade complexa, em que todas as funções intelectuais básicas tomam parte. No entanto, o processo não pode ser reduzido à associação, à atenção, à formação de imagens, à inferência ou as tendências determinantes. Todas são indispensáveis, porém insuficientes sem o uso do signo, ou palavra, como o meio pelo qual conduzimos as nossas operações mentais, controlamos o seu curso e as canalizamos em direção à solução do problema que enfrentamos. (VIGOTSKY, 2008:73).

Compreende-se que a formação de conceitos se dá sobre influências internas e externas e que os indivíduos possuem uma habilitação para suprir as informações do mundo externo modificando muitas vezes o seu campo psíquico, fazendo com que esse se aproprie de hábitos de outros indivíduos, os quais passam a admirar. O herói sendo concebido desta forma assume um papel intrínseco no desenvolvimento dos sujeitos em formação contribuindo de maneira significativa para a forma na qual o aluno irá atuar na sociedade indo além de um conceito meramente figurativo e ilustrativo, chegando ao ponto de ser considerado restritamente infantil assumindo assim um caráter ilusório e sem muita importância.

A construção de um conceito passa pelo remetimento ao desenvolvimento de outras capacidades tais como a compreensão, o entendimento, a internalização, a consolidação das ideias dessa construção. Todos os requisitos apresentados para a

construção do conhecimento são importantes para que o sujeito se veja como parte de uma sociedade juntamente com as pessoas do cotidiano que elegem como seres sociais e como seres históricos em torno das quais constroem os sentidos de referência que lhes atribuem. Não se trata da identificação de um conceito de herói que estar associada aos feitos e acontecimentos tais como se enunciam na história positivista; a maioria deles homens de cor branca e ligados à classe social dominante no país; heróis consagrados nacionalmente cujos nomes estão ligados às datas comemorativas nas escolas, nomes estes, repetidos por gerações seguidas de alunos.

Partindo dos fundamentos da concepção sócio-interacionista do saber, existe uma relação entre o biológico e o social. Na obra “pensamento e linguagem”,

[...] um conceito é mais do que a soma de certas associativas formadas pela memória, é mais do que um simples hábito mental; é um ato real e complexo de pensamento que não pode ser ensinado por meio de treinamento, só podendo ser realizado quando o próprio desenvolvimento mental da criança já tiver atingido o nível necessário. (VIGOTSKY, 2008:104).

A criança passa pelo desenvolvimento mental gradativamente, formando outras concepções sobre o mundo a sua volta ou reformulando as existentes; os significados das palavras e o desenvolvimento dos conceitos vão evoluindo, surgindo compreensões cada vez mais consistentes e significativas, de modo que o desenvolvimento intelectual da criança é resultado das atividades praticadas de acordo com os hábitos sociais da cultura na qual essa se desenvolve. O meio do qual ela faz parte é um importante elemento para fortalecer os conceitos ao longo da vida, além do mais, os costumes sociais incidentes sobre a criança serão fatores responsáveis pela maneira de pensar e agir das mesmas em determinadas situações.

O conceito de herói representado similarmente em vários dicionários da língua portuguesa como a ideia de uma pessoa que possui atributos extraordinários e diferentes dos demais indivíduos pode ter passado por profundas transformações e ter sido ressignificado em termos conceituais. Nos tempos atuais já não se restringe a Homem notável por suas realizações ou sua bravura; indivíduo que suporta sofrimento ou que arrisca sua vida em benefício de outrem; figura central de um acontecimento ou período; personagem principal de uma obra de literatura ou cinematográfica;

dramaturgia; protagonista duma obra literária, homem notável por seu valor ou pelos feitos guerreiros. Trata-se de uma visão que é, ou está a caminho de ser reconceituada, ressignificada.

Já não se faz mais eco essa descrição como sendo um sujeito especial, pelos seus feitos e atos de bravura, onde geralmente agem em função do bem contra o mal, protegendo pessoas inocentes e frágeis supostamente ameaçadas por algo ou alguém ruim como os chamados vilões. Na circunscrição da historiografia escolar brasileira, nomes como Tiradentes (1746-1792), José Bonifácio de Andrade e Silva (1763-1838) e D. Pedro I (1798-1838) entre tantos outros que adornaram os livros de história fazem parte dessa galeria de heróis que um dia foram enaltecidos pelas gerações de alunos em fase de escolarização que não passariam incólumes por uma grade curricular eivada e cercada de heróis, marcada pela necessidade da própria história e da historiografia de não esquecer-se de registrar os grandes feitos.

No contexto atual assiste-se ao florescimento de outros heróis, aqueles construídos na complexa realidade das relações sociais; muitas vezes são pessoas anônimas que surgem do nada, heróis performáticos e episódicos que aparecem do nada para do nada caírem no esquecimento; pessoas que de repente tornam-se o centro das atenções passando a ideia de que os heróis são figuras humanas fortes, bonitas e saradas, diferentemente dos indivíduos que encontramos no nosso dia a dia. Ou então, em situações de salvamento quando a vida está em risco e aparecem os profissionais diretamente ligados à ação de resgate, de salvação, a exemplo dos bombeiros, médicos, enfermeiros, pilotos, da polícia. A maioria das sociedades e das culturas tem prestado o reconhecimento a estes profissionais e outros tipos humanos na luta pela preservação da vida de si e dos outros às vezes às custas da integridade física sacrificada nos serviços prestados inerentes à profissão.

As definições criadas em circunstâncias históricas específicas carregam o peso do cenário espaço-temporal e cultural, as definições de heroísmo estão inexoravelmente associadas à cultura e limitadas ao tempo. “Toda cultura, portanto toda sociedade e mesmo todos os níveis de uma sociedade complexa, possui o seu imaginário” (LE GOFF, 2009:11). As bravuras e nomes dos heróis nacionais foram postos ao público leitor para serem repetidas e decoradas. Elas foram elaboradas com um fim que já não se liga aos fins das novas gerações que tem as especificidades do tempo atual com

sujeitos históricos também específicos como aparecem nitidamente no desenvolvimento da pesquisa realizada, caracterizada em 3 fases: a primeira na Escola Municipal Severina Ernestina Abigail, instituição de ensino fundamental, localizada na rua projetada, S/N, bairro Itans, Caicó-RN. Uma pequena quantidade de alunos habita o bairro Itans, os demais em sua maioria, vive em um povoado chamado “Recanto do Preá” nas margens da BR-427 e vizinho ao “Motel Eros”, localizados próximos a escola. Esse lugar é visivelmente humilde, dispõe de casas simples, onde abrigam um elevado número de pessoas por residência cuja convivência é difícil, sem conforto e lazer somada a falta de possibilidades de emprego oferecidas pelos governantes do município àqueles moradores. Lugar circunscrito no esquecimento da vontade política com um tipo humano carente de uma digna moradia por não haver saneamento básico, transporte, habitação, assistência social, entre outros. Para os 44 alunos com idades entre sete e quatorze anos do 2º ao 5º ano que participaram da pesquisa, os resultados apresentados estão colados a esta realidade social aderente às suas vidas: numa ordem de prioridade, a maioria dos alunos (50%) apresentou a figura de Deus e de Jesus como sendo os seus heróis, atribuindo esta escolha a um sentimento de gratidão por se sentirem protegidos em suas vidas. Em segundo plano vieram os pais ou pessoas mais próximas da família com (39%) que são responsáveis por eles. Dessa forma, esse número mostra que muitos têm a família, ou seja, os parentes como figuras significativas em suas vidas, as quais atribuem qualidades de heróis a essas pessoas. Por último, com (9%) das escolhas, ficaram os super-heróis das histórias em quadrinhos como: Batman, Superman e Dragon ball, figuras fictícias com características físicas e atos anormais comparadas a seres humanos reais que estamos acostumados a ver em nosso dia a dia. O recolhimento dos dados da pesquisa se deu através de uma oficina onde foi utilizada uma História em Quadrinhos elaborada para este fim cujo texto da minha autoria foi transformado na linguagem do desenho de autoria do artista gráfico Eurlly Moraes da Nóbrega. Na exposição das narrativas da história em quadrinhos as crianças aparecem sob diversas formas e situações: sonhando, brincando, ouvindo histórias, trabalhando, falando sobre a vida, seus pais, seu cotidiano, seus antepassados. Nela, desenrola-se a história de um menino índio e de um menino branco conversando sobre o que pensam da vida, seus gostos, seus parentes e pessoas que apreciam e de quem se orgulham. A história se inicia com saudações amistosas e que se encaminham para o mundo imaginável das crianças e suas fantasias, brincadeiras e preferências; desaguando numa discussão acerca das pessoas que valorizam e que lhes são caras no

contexto da vida pelos sinais afetivos, valorativos, reconhecimento de luta pela vida. Os textos e gravuras são claros, bem escritos e nítidos favorecendo a leitura completa da história, com número de folhas adequadas ao gosto das crianças, letra legível e desenho bem nítido em preto e branco com o propósito de fazer a diferença entre a sobriedade e o colorido dos suportes visuais a que estão acostumados regularmente. A história se passa em sua maioria em um ambiente totalmente natural com a fauna e a flora fazendo parte do cenário da mesma. Em alguns momentos retrata a cidade, mas a maior parte dessa história acontece na selva, já que a mesma inicia no meio da mata com uma conversa entre duas crianças que são os principais personagens da história.

Santos, assim descreve o dois personagens da história

O primeiro é um menino índio que vive na mata, em uma aldeia, cuja casa é uma “loca” feita com palhas de árvores. O mesmo é provido de uma vida simples e sobrevive do que a natureza lhe oferece. Mas, mesmo vivendo de forma simples, que para muitos indivíduos seria apavorante, o personagem passa para os leitores uma felicidade e satisfação impressionante, que apesar de não possuir nenhum tipo de modernidade no seu dia a dia, diverte-se de acordo com sua realidade, sem necessitar de televisor, computador, videogame, carrinhos elétricos, entre outros meios tecnológicos. Sendo assim, durante a história, o índio retrata suas maneiras de pensar valorizando e respeitando a natureza e os indivíduos adultos a sua volta, bem como brinca como qualquer outra criança. Constrói seus próprios brinquedos de forma artesanal, exemplo disso tem-se “à peteca”, o que percebe-se que seus hábitos são totalmente diferentes dos meninos criados na cidade, ou seja, é criado e educado com os costumes, rituais e regras da tribo a qual pertence, obedecendo e seguindo sempre os ensinamentos do avô chefe da tribo, o qual o menino admira e o considera como seu herói, pois o índio rotula o avô como um grande homem, que para ele é um modelo de ser humano a ser seguido, devido a seu caráter e sabedoria. O segundo personagem é um menino branco que mora na cidade com costumes totalmente contrários ao primeiro. Este possui os hábitos urbanos, vive em uma casa de alvenaria com aparelhos eletrônicos a seu dispor, aparentemente é uma criança acomodada e com pensamentos equiparados aos das histórias fictícias dos livros e filmes, pois revela que seu herói é um “super-herói” das histórias de quadrinhos cheios de poderes e por isso, no decorrer da história critica o índio por ter um herói velho, feio e fraco, haja vista seu herói ser novo, bonito e forte, qualificações comparadas a realidade geralmente imaginárias. Outro ponto importante sobre o “menino

branco” é que o mesmo manifesta durante a história ter uma vida consumista. Logo no início da história revela a vontade de possuir um determinado brinquedo que viu na vitrine de um shopping, onde relata características da rotina de uma boa parte dos indivíduos residentes na zona urbana” (SANTOS, 2012: 48-49).

Por fim, a história finaliza fazendo algumas perguntas bem diretas para cada aluno individualmente: “Quem é o seu herói? Características desse herói, e por quê?”.

Na segunda fase da pesquisa os alunos com idade entre 12 e 20 anos do Ensino Fundamental da Escola Estadual Senador José Bernardo situada na cidade de São João do Sabugi/RN, indicaram suas referências através de um exercício de reflexão realizado a partir de um questionário elaborado com o mesmo objetivo da oficina. Nesta ocasião também aconteceu uma intervenção em sala de aula onde se realçou as histórias de tipos humanos bem característicos e conhecidos da realidade social dos participantes. A explanação estava voltada para a origem do conceito de herói convencional e atual. Na ocasião foram realçados os heróis nacionais como Tiradentes, Zumbi dos Palmares, Dom Pedro I, entre outros.

Se a pesquisa tivesse sido realizada em um outro contexto, certamente as respostas seriam bem distintas daquelas que obtivemos aqui. Uma criança na escola primária da década de 1970 seria induzida pelo tempo da cultura escolar do heroísmo nacional. Uma galeria de heróis nacionais estaria figurando entre as escolhas realizadas com nomes como Duque de Caxias, Tiradentes, D. Pedro I, D. Pedro II, os presidentes da república velha e, sobretudo, os presidentes e afiliados do regime ditatorial. Esta canção escolar de autoria de uma professora primária da Escola Estadual Senador José Bernardo na cidade de São João do Sabugi/RN, corrobora o pensamento que vimos desenvolvendo no sentido da valorização dos heróis nacionais. A música foi criada para compor uma parte do repertório da escola que se cantava no mês de comemoração do 31 de março.

Data comemorativa, revolucionária 31 de março/ Quando nesta madrugada as forças armadas defenderam de pé nossa pátria/ Foi o Jânio Quadros com o João Goulart que queriam tornar nossa pátria um país comunista/ E não conseguindo seus planos legais viram-se obrigados a deixar o país/ Graças ao governo de Garrastazu vivemos num país progressista” (memória de ex-aluno – anônimo).

Há todo um ambiente propício à propagação de mensagens deste tipo não somente na escola, mas em toda a sociedade, a partir do ambiente doméstico de convivência com os adultos imersos num clima de ameaça, de repressão e de velada e ilusória democratização e crescimento sob a égide do progresso.

A letra da música é soberana no enaltecimento do fato histórico e da ditadura. Acusa Jânio Quadros e João Goulart de uma situação que seria, no entendimento da autora, ruínosa para o país; eleva o presidente Garrastazu como sendo o salvador de uma situação desastrosa que seria o comunismo. Se este entendimento transmutou-se em saber escolar propalado pela professora primária, a quem os alunos devotam inteira confiança, dificilmente esta mensagem repassada pela letra da música seria contestada e os alunos tendiam a reproduzi-la sem questionamento.

Diferentemente do que acontecera na década de 70, os alunos - estudantes do 6º ao 9º ano da EESJB apresentaram uma outra forma de enunciação. Os dados recolhidos totalizam o número de 50 alunos que responderam ao questionário aplicado em sala de aula. No 6º ano, cinco alunos escolheram a figura paterna como sendo seu herói, por admiração, proteção, coragem e importância do pai em suas vidas. No gênero familiar, um aluno escolheu o seu avô levando em consideração que, este herói o criou e é quem lhe oferece proteção e carinho, substituindo nesse caso, a função não cumprida pelos pais. Dois alunos escolheram como herói uma liderança política, não nomearam uma pessoa específica, apenas idealizaram como seria esse herói que na opinião deles, é aquele que luta e trabalha pelo país, com justiça, honra e honestidade. E um dos alunos escolheu o super-homem justificando-o como personagem que faz o bem para as pessoas. Levando em consideração a faixa etária desses alunos que têm em média de 12 até 18 anos e ainda contando com alguns que já se encontram na idade adulta, é preciso pensar o que faz um aluno que tem em média 15 anos ter como referência para si, um herói fictício de desenho animado.

No 7º ano um aluno escolheu a figura materna, cinco deles, escolheram o pai. A escolha se deu por motivos semelhantes. Ambos admiram e são agradecidos pela proteção e carinho que recebem. Dois dos alunos desta turma optaram por um personagem de desenho animado - o homem-aranha e bob esponja, dois escolheram Deus, um escolheu seus pais, outro aluno escolheu a presidenta Dilma Rousset. No 8º ano, quatro alunos escolheram Deus como sendo o seu herói e tudo em suas vidas. Oito

alunos escolheram a figura paterna, apenas três alunos escolheram a mãe como heroína e unicamente um aluno escolheu a avó, pois esta é quem ocupa a figura dos pais em sua vida. No 9º ano, um aluno escolheu o pai, dois escolheram a mãe, três escolheram os pais e seis deles escolheram Luiz Inácio Lula da Silva. A escolha do presidente do Brasil por duas gestões seguidas logo após a ditadura quiçá tem o sentido da política que o operário implementou no país a partir de uma plataforma de governo que tinha por base as classes trabalhadoras. O presidente criou a representação do político oriundo do nordeste brasileiro, trabalhador, pobre, aberto ao diálogo com as pessoas simples e trabalhadoras do país. Criava-se uma mentalidade e uma política de governo que incluía os mais pobres e se estabelecia uma aliança, um discurso, uma palavra que se aproximava da linguagem da classe trabalhadora. Talvez tenha exercido grande influência no pensamento das novas gerações a partir do voto de confiança que prometeu dar aos trabalhadores onde estão incluídos os pais dos alunos.

Esta realidade também se configura nas respostas que foram dadas pelos alunos ingressantes no Curso de Pedagogia/Ceres/Caicó no ano de 2013 numa pesquisa que tinha como objetivo saber sobre pessoas inspiradoras e que serviram de referência no encaminhamento para a escolha da profissão. Vinte e três alunos estavam presentes e responderam ao questionário padrão adotado pela pesquisadora do projeto que desenvolve pesquisa a respeito do curso. Onze alunos escolheram a figura da Mãe, pela sua dedicação, força, pelo seu amor e a importância desta em suas vidas. Um outro personagem apareceu de forma inédita na pesquisa. Trata-se da figura do padrinho, uma referência citada sem apresentação de justificativas. O olhar para si mesmo como sendo a base, o guia da sua própria vida encontra lugar na escolha de um aluno do curso. Apenas um aluno escolheu a figura do pai, como sendo importante na sua vida por admiração pela força, caráter e dedicação, seguidos de mais três alunos que citaram o pai e a mãe pela sua dedicação a família. O professor foi citado por três alunos como sendo a grande referência profissional para a tomada de decisão a que se submeteram recentemente. Notadamente e recorrentemente a figura de Deus e de Jesus Cristo foram citados numa proporção menor se comparados aos dados e resultados da pesquisa no ensino fundamental.

O caráter individualista da sociedade atual leva o cidadão a esquivar-se da celebração do culto ao estado ou a nação, abandonando a ideia de que é produtor e venerador a um sujeito de fora que possa vir a resolver seus problemas ou realizar uma

ação do grande homem que a todos salva. Ao que foi possível verificar, as pessoas no campo individual e familiar estão lutando pela salvação da própria estrutura física e psicológica, criando dimensões subjetivas de reconhecimento das forças ativas que estão próximas de suas próprias vidas quer seja pela luta da sobrevivência individual ou coletiva do grupo familiar. Estamos nos distanciando cada vez mais dos tempos em que um cidadão colocava sua força física a serviço da nação ou da religião de forma a contribuir para a criação de um patrimônio coletivo. Dificilmente se vêem estas ações no momento atual, a não ser que esta traga benefícios duradouros e permanentes para quem a realiza. Ao invés de uma exterioridade há uma interiorização da consciência de construção do indivíduo cuidando do seu próprio mundo, da sua própria integridade física e moral.

São questões do tempo presente onde o campo da experiência humana desde os projetos mais coletivos até o mais intimamente pessoal é quem acaba estabelecendo o limite entre o real e o não real, o real e o imaginário ou a ficção. Nada de fantástico e sobrenatural, mas, da representação de um tempo real com pessoas reais agindo e pensando, conduzindo a vida no conjunto das possibilidades ou das impossibilidades de realização. Também podemos nomear as referências citadas pelos alunos como sendo pessoas corajosas, valentes, destemidas. Porquê não? Elas enfrentam o desafio de levar a frente projetos de vida que constituem o tecido da realidade cuja origem se encontra na mais frágil e mais precária condição de vida. Fora a figura do pai e da mãe, dos avós ou de alguns representantes políticos do país, somados a algumas personagens individuais como o padrinho e outros retirados do mundo da ficção, os alunos apresentaram a figura de Deus e de Jesus Cristo remetendo a religiosidade e seu poder na formação cristã dos humanos.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

LE GOFF, J. **Heróis e maravilhas da Idade Média**. Tradução de Stefhania Matousek. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SANTOS, H.G. **O Conceito de herói sob o olhar das Crianças do Ensino Fundamental I**. Caicó, 2012, 58f.(Monografia de Graduação).

VYGOTSKY, L. S. 1896-1934. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jefferson Luiz Camargo: revisão técnica José Cipolla Nelo. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.(Psicologia e pedagogia)